F. A. GARCEZ TEIXEIRA

CONTRIBUIÇÕES PARA A HISTORIA DAS ARTES
EM PORTUGAL

IV

A ANTIGA SINAGOGA
DE
TOMAR

2.ª EDIÇÃO



LISBOA
TIPOGRAFIA DO COMERCIO
Rua da Oliveira, ao Carmo, 8

1925

A ANTIGA SINAGOGA DE TOMAR



Tiragem de 200 exemplares, dos quais êste, que tem o n.º 144,

pertence a ....

....

....

F. A. GARCEZ TEIXEIRA

CONTRIBUIÇÕES PARA A HISTÓRIA DAS ARTES
EM PORTUGAL

IV

A ANTIGA SINAGOGA
DE
TOMAR

2.ª EDIÇÃO



LISBOA
TIPOGRAFIA DO COMERCIO
Rua da Oliveira, ao Carmo, 8
1925

Iniciada a perseguição dos judeus, tornada obrigatória a sua conversão ao catolicismo oficial, tratou-se de fazer desaparecer tudo quanto, de perto ou de longe, aludisse ao povo hebreu e à sua religião. E' assim que as chamas consumiram a sua vasta literatura scientifica, tão interessante e valiosa. E' assim que, sem aquele respeito pela morte que é apanágio até do muitos irracionais, se arrancaram as lápides sepulcrais dos cemitérios dos judeus para servirem nas alvenarias de diversas edificações, revoltante exemplo poucos anos depois seguido pelo rei piedoso que, para se fazerem as paredes das inestéticas capelas de Sta Maria do Olival, em Tomar, mandou partir a camartelo os moimentos dos Mestres do Templo, dêsses patrióticos freires que com o seu valor e o seu sangue ajudaram a consolidar a nossa nacionalidade.

Dos templos hebraicos, os que não foram destinados a premiar a delacção e a adulação, foram transformados em templos católicos, ou destruidos.

Daqui se pode inferir o valor que apresentam para o investigador os poucos monumentos hebraicos que conseguiram chegar aos nossos dias.

Das nossas antigas inscrições hebraicas apenas hoje existem sete, e são: a da Sinagoga de Belmonte, no museu de Castelo Branco a de uma das Sinagogas de Lisboa, e um fragmento de uma lápide sepulcral, no museu de Evora; no cemitério de Faro, uma lápide sepulcral; e finalmente, a inscrição da Sinagoga do Porto e duas lápides sepulcrais de Espíche, que o museu da Associação dos Arqueólogos Portugueses se honra de possuir. De todas elas publicou o meu sábio colega sr. Samuel Schwarz um estudo exaustivo no 1.º volume da «Arqueologia e História».

Os antigos templos hebraicos ainda mais raros são, pois que algum que escapou daquela calamitosa época, o tempo se encarregou de destruir, ou o homem de transformar, desnaturando-o de tal forma que o tornou absolutamente incaracterístico e irreconhecível. Desta maneira, talvez que a Sinagoga de Tomar de que aqui venho dizer algumas palavras, seja o único templo hebraico anterior ao século passado, que nos resta sem adulteração ou ruína sensível.

Comprehende-se, portanto, que seja grande o valor histórico do modesto edifício, e que acertadamente andou a Comissão de Monumentos do Conselho de Arte e Arqueologia da 1.ª Circunscrição pro-

pondo a sua classificação como monumento nacional, efectivada por decreto de 29 de Julho de 1921, assim como patrioticamente procedeu o meu ilustre colega sr. Schwarz, adquirindo-o, afim de o reparar e conservar.

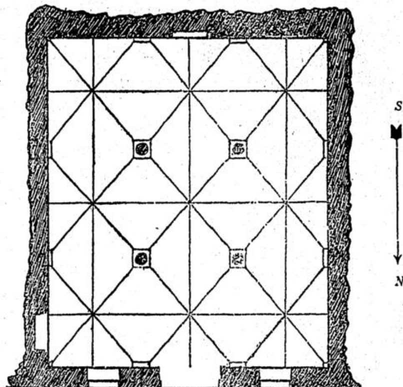


FIG. 1 — PLANTA GERAL — ESCALA 1/...

Justificada assim a razão da publicação desta modesta monografia, começarei por fazer uma descrição geral e sumária do edifício. A sua planta como se vê na fig. 1, é rectangular, medindo interiormente $9^{m},50$ de fundo por $8^{m},25$ de largo. Acha-se situado no local sul da Rua de Joaquim Jacinto na cidade de Tomar, e portanto com sua fachada principal voltada ao norte. Uma única porta ladeada por duas janelas gradeadas dá serventia sôbre a rua. Antigamente teve comunicação interior com o prédio contíguo do lado nascente.

Na parede do fundo, em frente da porta, ha duas janelas, uma sôbre a outra. Algumas frestas no alto das paredes, uma das quais agora desentaipada, serviam mais para arejamento, do que para iluminação.

Tem apenas um único pavimento cujo solo devia estar ao nível da rua, mas que hoje se acha uns $0^{m},50$ abaixo do nível dela, em virtude da elevação do pavimento desta.

A cobertura é constituida por nove abóbadas de aresta, a meia vez de tijolo, geradas por seis berços, três longitudinais e três transversais, apoiando-se nas paredes e em quatro colunas de cantaria.

A fig. 2 dá uma imperfeita idea do conjunto porque, pelas pequenas dimensões horizontais relativamente ás verticais, só com uma objectiva especial se poderia obter um *cliché* mais ilucidativo. Em todo o caso, mostra parte de duas das colunas e o lançamento das abóbadas.

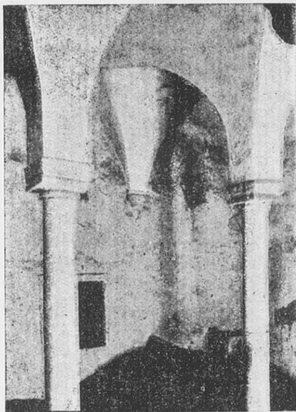


Fig. 2 — Vista interior

Um telhado de telha mourisca resguarda exteriormente as abóbadas.

Eis a descrição geral do modesto monumento.

Antes de entrar no seu estudo detalhado, procurarei justificar porque apresento êste edifício como a velha sinagoga de Tomar.

Nenhum documento encontrei nos arquivos da cidade que indiscutivelmente servisse de prova de ter sido sinagoga o edifício de que me ocupo. Não é isso, porém, de admirar, atendendo às faltas que nêles se notam e ao propositado silêncio que sobre êstes assuntos se fez no século XVI. Na falta de documentos, recorrerei á dedução.

Para isso, notarei que eu não descobri o monumento por acaso ou por qualquer ordem de raciocínio, mas fui lá levado por habitantes da cidade que ali me conduziram para eu *vêr a Sinagoga*. Temos pois a tradição local, conservada durante séculos, tradição que devemos aceitar, salvo prova da sua falsidade. Ora precisamente os factos confirmam a tradição. Vejamos.

A construção é, como mostrarei, anterior ao século XVI, e portanto da época em que ainda se construiam tais edifícios.

A sua situação na actual Rua de Joaquim Jacinto, também confirma

a tradição porque esta rua ainda não ha muito conservava o nome de Rua Nova, e, sabido é que êste nome foi dado ás antigas judiarias. No L.º 73.º do Cartório da Misericórdia de Tomar — *Repositório dos Bens desta S.ta Casa* — do comêço do século XVI, vem em vários locais, e entre êles a pag. 12, — «Rua Nova q̃ foi judaria».

Nesta rua, onde ainda se vêem bastantes construções antigas, nenhuma existe que apresente disposições para Sinagoga, edifício que Tomar não podia deixar de ter, como vou procurar demonstrar.

E' demais conhecida a importância desta então vila, cabeça da importante Ordem de Cristo. Grande devia ser o número de judeus que faziam, no século XV, parte da sua população, a avaliar pelo elevado número de cristãos-novos que ali havia no século seguinte, o que decerto foi um dos motivos da honra de ter uma inquisição privativa [1].

---

[1] Conhecem-se pela *Colecção de Sentenças*, de Joaquim Moreira, que existe na Biblioteca Nacional, as relações dos autos-de-fé alí realizados em 1543 e 1544. Nêles figuraram vários cristãos-novos.

Parece que êste tribunal não funcíonou muito além de 1544.

No Arquivo da Ordem de Cristo, na Tôrre do Tombo, apenas existe um dos livros dos processos, referente a 1543, já conhecido, e ainda os restos de um outro, no maço n.º 70 do «Convento de Thomar», com parte do processo de Jorge Manoel, cristão-novo. Neste curioso processo, uma das testemunhas depõe que viu e suposto réu regalar-se com saborosa carne de porco, na aldeia de Cabaços. Pobre Jorge Manuel! Não o livrou esta pública manifestação da perfeição funcional do seu aparelho gástrico e da ortodoxia do seu pensar em assuntos de religião, de ir abrilhantar de sambenito e carocha, relaxado em carne, o auto-de-fé de 20 de Junho de 1544 na companhia de mais três outros míseros cristãos-novos. E tão luzído foi o espectáculo, que o sinistro monarca D. João 3.º julgou não dever eximir-se a enviar a Fr. António de Lisboa, seu digno filho natural (é Fr. Jacinto de S. Miguel quem o diz), uma carta laudatória, digamos à moderna — uma portaria de louvor — pelo bom resultado do seu trabalho!

Dêste processo também se averigua que os cristãos-novos se não enterravam de mistura com os cristãos-velhos, mas sim no extremo do local reservado aos enterramentos, que era o Adro de S. Maria.

Provenientes dêste antigo cemitério, consegui reünir no Museu da União dos Amigos dos Monumentos da Ordem de Christo algumas dezenas de estelas sepulcrais que julgo remontarem aos séculos XV e XVI. Talvez que o estudo da sua variada e interessante ornamentação possa revelar o ter pertencido alguma delas a algum cristão-novo, o que não é possivel fazer pelas inscrições, visto as mais antigas serem todas anepígrafas.

A propósito do auto-de-fé de 1543, quero apresentar um promenor desconhe-

Como conclusão destas scenas da vida hebraica de Tomar e dos factos citados julgo poder inferir-se que não deixaria de haver, naquela então vila, uma Sinagoga.

Farei notar ainda que a lápide do cemitério de Faro alude a um João de Tomar, em 1315, como se verifica no belo estudo já citado do meu colega sr. Schwarz.

---

cido. No maço 69.º do corpo «Convento de Thomar», da Tôrre do Tombo, numa folha rasgada de um livro de despesas, vem lançada a seguinte verba, relativa àquele ano «—xbj bijlxx rrs que pagou de cento e dez dias de officiaes carpint.os «a Lx rrs q̃ fizeram o cadafalso para o prim.º auto da Santa Inquisição, e de cento «e onze duzias de tavoado de pinho para elle a Lxx rs a dz.ª e de oyto mil pregos a «trez.tos rrs o milh º — 16770». Mais adeante vem estoutra verba «— ij bjciiij rrs «que pagou por m.do do padre dom pr or de alimpar e asentar do pelourinho da villa «que se mudou por amor do cadafalso da santa Inquisição — 2604.»

Este pelourinho achava-se colocado no cruzamento da Rua da Graça com a Rua dos Moinhos, e mais tarde foi substituido por outro colocado na Praça, junto ao edifício da Câmara, tendo sido desmanchado no seculo XIX, e achando-se a coluna arrecadada para ir para o Museu.

Aproveitarei tambem o ensejo, ao falar da Inquisição de Tomar, para rectificar uma asserção que corre, lançada pela pena autorizada do ilustre escritor sr. Dr. Vieira Guimarães, e que já vem reproduzida num Guia há pouco publicado. E' a de que a Inquisição de Tomar funcionou nas casas do «Noviciado Velho», tambem conhecidas pelas «Casas das Côrtes». Estas casas, que foram construidas para Noviciado, mas que já não tinham essa aplicação no começo do seculo passado, como se vê dum desenho desta época, na posse do meu distinto condiscípulo sr. Joaquim Rasteiro, onde já vêem designadas com o nome de Noviciado Velho, poderão ter tido qualquer outra aplicação ocasional, talvez até mesmo para reünião de algum dos braços das Côrtes de 1581, mas nunca lá podia ter funcionado a Inquisição porque, ainda em 1548, como se vê no documento citado no 1.º volume do «Dicionário dos Arquitectos» a propósito da João de Castilho, êste se achava a braços com a questão dos espelhos, cujas dificuldades de construção ainda hoje são bem patentes para os técnicos; e por outro documento, copiado no mesmo volume, se sabe que em 1557 ainda não estavam levantadas as colunas das casas dos noviços, temendo que os carpinteiros danificassem os capitéis, bem lindos, por sinal.

Estavam portanto estas casas muito longe da conclusão à data em que terminou a Inquisição, que parece não ter ido além de 1545, como já ficou dito.

Qero tambem deixar aqui consignado um documento, que julgo inédito, e que diz respeito á Junta dos Prelados que, em 620, reüniu em Tomar, para tratar de assuntos referentes à Inquisição. E' uma sátira, em redondilha maior, intitulada «Colloqnio q̃ passou entre João Braz e Gonçalo Pz. m.ores nos Paens, termo de Thomar falando ambos na Junta q̃ se fazia dos Bispos» (*).

(*) Tôrre do Tombo. *Convento de Thomar*, maço 13.

Para terminar, referirei que numas pesquisas feitas sob o rebôco da parede do lado nascente do edificio de que trato, se encontrou uma fiada de ladrilhos, postos de cutelo, verticalmente, parecendo constituirem um revestimento que poderia ser do armário destinado aos livros sagrados, e que, segundo o ritual hebraico, deve ficar ao Oriente.

Farei agora a descrição detalhada do edifício, e tratarei da data da sua fundação porque, à falta de documentos categóricos, será dos detalhes arquitectónicos que me soccorrerei para êsse estudo.

A porta principal pertence ao período decadente da renascença e por isso não póde deixar de ser um adicionamento posterior á fundação, cuja origem creio ser fácil de saber. Desnecessário é apresentar dela um desenho, porque é do tipo de verga coroada de uma cornija, assaz comum no final do século XVI.

As duas janelas da fachada são ainda mais incaracterísticas, de lancil sem qualquer ornamentação, sendo, sem a menor dúvida, modernas.

A janela fronteira á porta, e que se acha mais perto da cobertura, tem a forma rectangular; interiormente tem singelas molduras da renascença; exteriormente está completamente entaipada.

As frestas não são guarnecidas com lancil e têm a parte superior ligeiramente ogivalada. As cantarias dos outros vãos não oferecem interêsse algum.

Como já tive ocasião de dizer e se vê na fig. 2, as abóbadas são ogivais, de aresta, e repousam, do lado das paredes, sobre mísulas de cantaria, e no centro, sobre 4 colunas, tambem de cantaria, com suas bases e capitéis, apoiando-se sôbre estas últimas por intermédio de quatro dados de alvenaria, para ganhar a altura das mísulas, o que lhes dá grande elegância e leveza.

Nesta sátira por vezes violenta, depois de se fazerem alusões pessoais aos prelados que a ela assistiram, procura-se insinuar que a Junta

«Pretende de Portugal
«Lançar fora a Inquisição».

Chega ao ponto de acusar o próprio monarca de simonia, dizendo Gonçalo que os judeus

«teem posta a esperança
«somente no seu dinheiro»

para comprar as consciências, o que não espanta muito o Braz, a não ser

«de El-Rey sim, que é *cristão*».

Na figura vê-se tambem uma das mísulas donde nascem as abóbadas, mísulas que nos ajudarão a fixar a data provável da construção. Para êste efeito, que não podia deixar de ser tocado nesta pequena monografia, tenho de pôr de parte toda a fachada principal, que não vai além da segunda metade do século XVI, e ainda a janela do fundo, porque não devemos recorrer para a determinação da época da primitiva fundação, senão a órgãos essenciais da estrutura do edifício e não àqueles que em qualquer ocasião podem ser adicionados sem respeito pelo estilo geral.

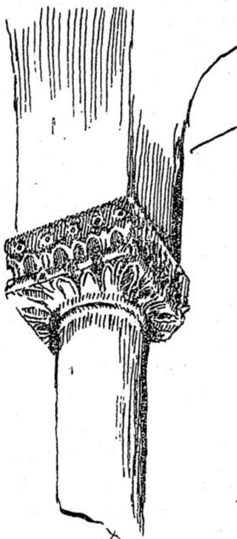


Fig. 3 — CAPITEL DE COLUNA

Restam as colunas, as abóbadas e as mísulas.

As quatro colunas são arquitectonicamente os orgãos mais interessantes do monumento. Os fustes são cilíndricos e constituidos por três ou quatro peças cada um.

Dos quatro capitéis, dois são iguais ao que representa a fig. 3 [1].

Os dois capitéis são de uma rara elegância e de um característico sabor oriental ou árabe, não tendo eu, porém, encontrado em estampas de edifícios desta origem, nada que se possa comparar rigorosamente à sua forma original [2], quasi reduzida a um ábaco ornamentado, ligado ao fuste por uma grande moldura cavada. A sua ornamentação é toda geométrica.

---

[1] Esta estampa, assim como as das pags. 13 e 14, são gravadas segundo um *croquis* expressamente feito pelo sr. José Santa Maria, distinto director da Escola de Desenho Jacome Ratton, a quem aqui reitero os meus agradecimentos.

[2] No livro *Marrocos e Três Mestres de Ordem de Cristo*, do sr. Dr. Vieira Guimarães, vem, a pag. 191, uma gravura da cripta da igreja de N.ª S.ª das Misericórdias, em Ourém, na qual se vê um capitel que parece ter analogias com os da Sinagoga. O pouco detalhe da gravura, não me deixa, porém, fazer um juizo seguro.

Os outros dois capitéis são diferentes dos primeiros, e desiguais entre si. Apresento o desenho só de um, fig. 4, porque o outro, embora diferente, filia-se no mesmo tipo de forma e ornamentação. Mantendo as dimensões gerais dos primeiros, manifestam contudo uma grande influência do estilo gótico.

O fuste é, como já disse, perfeitamente cilíndrico, e nenhuma especial característica oferece, a não ser a sua grande altura, relativamente ao seu diâmetro.



Fig. 4 — Capitel de coluna e mísula

Resta, finalmente, analisar as bases. São todas quatro sensivelmente iguais e delas se vê bem o tipo na fig. 5. Começando inferiormente por um sóco de secção quadráda, estreitam, por um amplo cavado invertido, vindo a transformar-se, por elegantes cortes nos ângulos sólidos, na forma oitavada, oferecendo o todo um elegante perfil, de sólida e bem calculada resistência. Como se vê, trata-se de um tipo muito pouco comum nas nossas construções.

Querendo agora investigar, pelos elementos arquitectónicos que apresentei, a data provável da fundação, para os dois primeiros capitéis apresentados, não encontrei outros a que os comparasse, isto é, não os posso utilizar para êste fim. Os fustes tambem pouco nos indicam. Apenas os dois restantes capitéis e a ogiva das abóbadas nos indicam um periodo gótico ou, pelo menos, uma época em que ainda fossem sensiveis as influências do gótico.

Com as bases, fui mais feliz e posso apresentar uma base seme-

lhante, fig. 6, reproduzida do *Dictionnaire Raisonné de l'Architecture Française du XI[e] ou XVI[e] siécle,* de Violet-le-Duc [1].

A parte inferior é igual à da Sinagoga, excepção feita de maior altura. Os cortes dos ângulos sólidos do segundo corpo existem também, mas são ocupados por elegante ornamentação. O corpo superior é igualmente oitavado, mas muito mais sóbrio em molduras do que nas bases da Sinagoga.

Esta base é de uma coluna da igreja de Montreal, perto de Avalon, na Borgonha, e data do século XII. Neste século, fundava Gualdim Paes o Castelo de Tomar e o adjunto burgo, o que faz pôr imediatamente de parte uma data tão recuada para a fundação da Sinagoga.

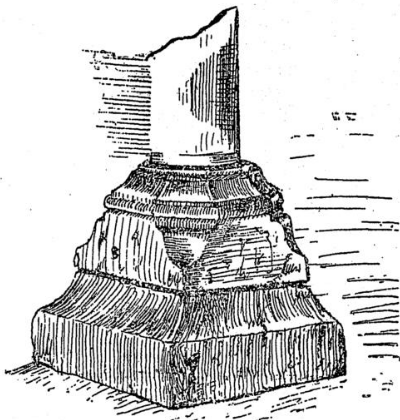


FIG. 5 — BASE DE COLUNA

A hipótese de um aproveitamento de fragmentos de um edifício românico parece-me arriscada, embora não impossível.

Somos assim levados a colocar a fundação da Sinagoga logo na entrada da Renascença em Portugal, quando as formas góticas apareciam de mistura com os elementos românicos e clássicos.

As mísulas das nascenças das abóbadas, com as suas volutas e caneluras, vêem confirmar esta hipótese, que a forma das abóbadas tambem não contraria. As dos cantos são simples pirâmides como de uso no período ogival.

Desta forma, não durou muito a sua primeira aplicação, profanada como teria sido, quando da perseguição dos judeus.

---

[1] Tomo II, pag. 143.

Tratemos agora do seu posterior destino.

São mudas as chancelarias a seu respeito, apesar de nelas figurarem muitas doações das profanadas Sinagogas.

Isto parece indicar que ela não foi objecto de doação, o que leva a admitir a possibilidade da hipótese da sua transformação em templo católico.

Esta hipótese é muito plausível em vista de um assento que encontrei no mais antigo livro de registo de nascimentos, casamentos e crismas, da igreja de S. João Baptista [1]. Na última folha, em parte já desaparecida, vemos o assento de um casamento feito na Capela de S. Bartolomeu, na Rua Nova, do dia 19 de Novembro de 1613.

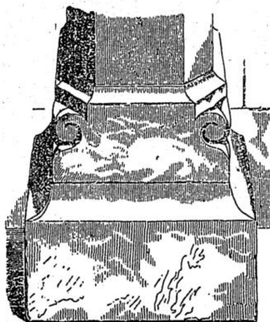


Fig. 6 — BASE DE PILASTRA ROMANICA

Ora naquela rua não se encontra edifício algum, além daquele de que venho tratando, a que se possa atribuir tal uso. Acresce mais que, pessoas ainda hoje vivas, se lembram de ver na Sinagoga, fronteiro à porta, um altar que mais tarde foi demolido quando se procedeu ao alteamento do solo, tendo-se agora encontrado ao fazer-se o desatêrro do pavimento, grandes pedaços de alvenaria, que daquele devem provir. Também algumas pessoas ali viram um subterrâneo, certamente algum carneiro, datando desta época.

Esta aplicação como capela explica tambem a existência da actual porta que, para qualquer uso vulgar, não teria a ornamentação que, como já disse, ela possui.

Quando deixaria de ser capela, não o sei. Nos últimos tempos, aparece como adega e celeiro, foreiro á casa Sabugosa.

Desta última aplicação restavam aparentes vestígios. A porta foi alargada e alteada, como ainda se observa. O pavimento foi levan-

---

[1] Arquivo dos Registos Paroquiais — *Livro que contém os fragmentos dos livros antigos desta Parochial e Real Igr.ª de São João Bap.ta de Thomar.*

tado ao nível da rua ficando em calçada à portuguesa com rebôco hidráulico.

O atêrro então feito cobria completamente a base das colunas, e já foi todo removido, tendo-se encontrado parte de um grande pote de barro para vinho ou azeite. Algumas moedas portuguesas, encontradas nesta ocasião, nenhuma ligação teem com a Sinagoga.

Modernamente, foi adquirida pelo meu sábio colega Sr. Schwarz e remido o seu fôro, começando-se a sua restauração.

Possivelmente, estas obras patentearão ainda alguns elementos para o estudo do monumento. Mas, com certeza, elas nos restituirão um importante e interessante monumento do século xv, que os investigadores e os hebreus portugueses não podem deixar de ter no maior aprêço. Por isso é de esperar que todos aqueles que o poderem fazer, não deixarão de concorrer para a sua reintegração.

Do mesmo autor:

CONTRIBUIÇÕES PARA A HISTÓRIA DAS ARTES EM PORTUGAL:

I — A LENDA DO PINTOR DRALIA (esgotado)

II — A CRUZ MANOELINA DO CONVENTO DE CRISTO (esgotado)

III — A FAMÍLIA CAMÕES EM TOMAR.

IV — A ANTIGA SINAGOGA DE TOMAR (1.ª edição, esgotada)

IDEM (2.ª edição).

V — UMA ILUMINURA DO SÉCULO XVI.